



Compartilhar 28

Diálogo religioso: diálogo para a vida

Jorge Aquino

Da mesma série (já distribuídos):

- 1** – “Duas Utopias” (Richard Rorty)
- 2** – “Visões Protestantes sobre a Escravidão” (Elisete da Silva)
- 3** – “Identidade e Missão – perspectiva anglicana” (Rev. Carlos Eduardo Calvani)
- 4** – “Os começos do Anglicanismo” (Dom Sumio Takatsu)
- 5** – “Maria na Tradição Anglicana” (Rev. Jorge Aquino)
- 6** – “Pezinho pra frente, pezinho pra trás – reflexões de um anglicano sobre ecumenismo” (Rev. Carlos Eduardo Calvani)
- 7** – “Todas as coisas necessárias para a salvação” (Frederick H. Borsch)
- 8** – “Igrejas e homossexualidade – ensaio de um balanço” (Gottfried Brakemeir)
- 9** – “Leão XIII e as ordens anglicanas” (Prof. Magno Vilela)
- 10** – “Abertura dos arquivos do Vaticano e procedimentos do ARCIC sobre *Apostolicae Curae* (William Franklin)
- 11** – As primeiras Conferências de Lambeth (Dom Sumio Takatsu)
- 12** – Resenha do livro de John Hick, “A metáfora do Deus encarnado” (Rev. Carlos Eduardo Calvani)
- 13** – Uma eclesiologia Anglicana (Dom Sumio Takatsu)
- 14** – Resumo das Conferências de Lambeth de 1978 e 1988 (Trad. e resumo - Rev. Francisco de Assis da Silva)
- 15** – Preocupações Dogmáticas e Pastorais – Relatório da Conferência de Lambeth de 1988 (Tradução: Dom Sumio Takatsu)
- 16** – O futuro da Teologia Anglicana – em diálogo com John Spong (Reginald Fuller)
- 17** – Pronunciamento do Revmo. Dr. Barry Morgan ao Sínodo da Igreja em Gales
- 18** – Escrituras na visão anglicana (Reginald Fuller)
- 19** – A necessária Catolicidade para um mundo globalizado - Reflexões sobre a Colegialidade Episcopal na Igreja Católica Romana (Frei Marcelo Barros)
- 20** – A história de Israel na pesquisa atual (Aírton José da Silva)
- 21** – O bispo Robinson entre a modernidade e a pós-modernidade (Rev. Jaci Maraschin)
- 22** – O Anglicanismo da Inglaterra para os Estados Unidos (Dom Sumio Takatsu)
- 23** – “Deixe que o leitor entenda” (Grupo de estudos de hermenêutica da Diocese de Nova York)
- 24** – Os desafios da Inclusividade (Jorge Aquino)
- 25** – Reflexões sobre Santidade e Sexualidade (Arcebispo Njongonkulu Ndungane)



26 – Reflexões sobre o Homossexualismo (Jorge Aquino)

27 – Vida Anglicana em Missão - Declaração da Consulta Internacional da EFAC – Limuru, 2003). Trad. Dom Robinson Cavalcanti

DIÁLOGO RELIGIOSO – DIÁLOGO PARA A VIDA

Rev. Jorge Aquino

Na semana que gira em torno do dia 4 de outubro, todas as igrejas cristãs históricas se lembraram de agradecer a Deus pela vida de São Francisco de Assis. Jovem cheio de uma imensa vontade de servir a Deus e ao próximo, Francisco viveu de forma tão radical o seu chamado, que abandonou a tudo, inclusive família e bens, para se dedicar à sua missão. Dentre todos os grandes exemplo que nos deixou, Francisco deixa, também, um grande exemplo de diálogo religioso e de respeito aos outros. Seu amor expresso em gestos promoveu a concórdia entre cristãos e mulçumanos durante séculos. A vida de Francisco pode, com muita propriedade, ser apontada como um exemplo de diálogo religioso que é diálogo para a vida.

Nesta fala trabalharemos o tema que nos foi proposto à partir do ponto de vista da *Teoria da Complexidade*, paradigma desenvolvido pelo pensador francês Edgar Morin, e que desponta como uma nova força na religação dos saberes e da tradição. Pois bem, inspirados no exemplo de Francisco, compreendemos que o diálogo religioso é um diálogo para a vida quando é capaz de satisfazer a pelo menos três exigências.

Quando tomamos consciência da conjuntura

A atual conjuntura em que vivemos parece apontar para um tipo de estrangulamento ou crise das metafísicas que, paradoxalmente acaba por fazer surgir outras utopias que pretendem responder à crise mas que, de fato, podem ser a causa do fim deste mundo conforme conhecemos.



Pretendemos apresentar a conjuntura atual seguindo uma ordem esquemática. Neste esquema compreendemos que atualmente vivemos, em primeiro lugar, uma **crise conceitual** que aponta para a falência dos grandes sistemas. O debate do início do século XX envolvendo o Liberalismo e o Socialismo parece ter desaparecido completamente. Ambas as soluções apontadas para resolver os problemas da fome, da miséria, das doenças e para implantar uma sociedade melhor, parece ter chegado aos seus estertores. A crise que sobreveio sobre o Socialismo real também atingiu o Liberalismo, e de tal forma, que hoje assistimos a humanidade caminhar sem que haja qualquer certeza de para onde vamos.

Do ponto de vista **econômico** as coisas não são diferentes. O incremento do neo-liberalismo já foi celebrado por alguns teóricos como o advento do "fim da história". Esta identificação do neo-liberalismo ao último e mais acabado paradigma econômico, associado a uma postura absolutizante, parece ser um "último suspiro" da crença de que o mercado pode resolver todos os nossos problemas e nos levar à felicidade eterna.

Politicamente, o que vemos é o surgimento de um monopólio imperialista e da hegemonia de uma nação sobre os interesses do resto do mundo. A administração Bush representa uma postura muito perigosa para o futuro da humanidade. Este perigo pode ser exemplificado em sua postura diante do *Protocolo de Kioto*, diante da *Organização Mundial do Comércio*, diante de sua postura de desdém para com a *Corte Internacional*, e mui particularmente, diante de sua postura para com a *Organização das Nações Unidas* na questão específica da guerra do Iraque.

Socialmente assistimos a redistribuição do mundo em dois blocos: Norte-Sul. O Norte rico e desenvolvido assiste o Sul pobre e subdesenvolvido tentar sobreviver com a pesada cruz que carrega: uma dívida externa que aumenta a cada dia e que exige o sacrifício, em vidas, das parcelas mais pobres da população destes países para ser paga.

Do ponto de vista **ecológico**, assistimos diuturnamente a destruição de ecossistemas, ao envenenamento progressivo de nossos rios e lagos, a poluição desenfreada do ar, ao desaparecimento crescente de espécies em um ritmo jamais visto. Enfim, assistimos a uma crise ambiental que fatalmente põe em xeque o futuro da humanidade.

Do ponto de vista **religioso**, o que vemos é o recrudescimento dos Fundamentalismos. Esta postura, descrita por Leonardo Boff, como "a atitude daquele que confere um caráter absoluto ao seu ponto de vista" (Boff, *Fundamentalismo*, 25),



parece está em franco crescimento no século XXI. Explico. Diante da crise dos paradigmas modernos, dentre os quais destacamos a Razão e o Desenvolvimento, e de uma Globalização que socializa cada vez mais a miséria e privilegia unilateralmente as grandes potências, a religião passa a ser vista como um reforço e uma legitimação das identidades oprimidas. Nas palavras de Boff,

As religiões são, reconhecidamente, ingredientes poderosos na construção das identidades dos povos. São elas que lhes dão uma áurea de mística e de esperança. Quando essas culturas se sentem ameaçadas pela globalização, se agarram à religião para auto-afirmar-se. Daí emergem exclusões e violência contra aqueles que os ameaçam. (Boff, Fundamentalismo, 35, 36)

Esta postura fundamentalista está presente hoje nas três religiões do livro (judaísmo, cristianismo e islamismo) e pode vir a se tornar um elemento complicador da paz mundial. Eventos como o 11 de setembro e o tratamento simplista feito por Bush, identificando o "eixo do mal" com os inimigos do "povo de Deus", parece-me um bom exemplo desta postura. O resultado da absolutização de uma visão de mundo pode ser visto diuturnamente pela televisão nas bombas e mísseis lançados sobre as cidades nos territórios ocupados da Palestina, bom como nos atentados suicidas que procuram responder às agressões do governo de Ariel Sharon.

Para termos um diálogo religioso que seja um diálogo para a vida, precisamos compreender que essas crises conceituais, econômicas, sociais, políticas e religiosas, estão interligadas e formando e retroalimentando um paradigma disjuntivo que precisa ser superado por meio de uma nova mentalidade conjuntiva e religadora dos saberes e das tradições. É preciso compreender que nenhuma esfera da vida está isolada das outras mas que vivemos em uma teia complexa na qual parasitamos um ao outro e onde cada área do conhecimento só pode existir em relação ao outro e em dependência do outro. Nas palavras de Francesca Aimore,

Um saber parcializado e puramente especialista não está em condições de conceber o global, nem ao alcance dos problemas humanos no planeta. (...) deve-se, ao contrário, passear, antes de tudo, por uma revolução cultural que conduza do pensamento simples ao pensamento complexo. (Mancini e outros, Éticas da Mundialidade, 145, 146)

Este saber complexo precisa está na base de nossa análise de conjuntura para que possamos ter uma leitura mais ampla e para que nossa compreensão do que foi e



do que é *Diálogo Religioso* não venha a ser estudado de forma dissociada da realidade que a cerca.

Quando assumimos uma responsabilidade enquanto grande família humana

Um *Diálogo Religioso* será um *Diálogo para a vida*, em segundo lugar, quando formos capazes de assumir uma responsabilidade enquanto grande família humana.

Segundo Edgar Morin, a realidade atual ainda está distante deste momento em que a visão complexa será vista como um paradigma de vida e de paz. pelo contrário, se há uma palavra que, no pensamento moriniano, pode sintetizar a atual condição do mundo, esta palavra é agonia. Vejamos o que ele nos diz:

Se considerarmos globalmente os dois ciclones crísicos e críticos das guerras mundiais do século XX e o ciclone desconhecido em formação, se considerarmos as ameaças mortais à humanidade vindas da própria humanidade, se considerarmos enfim e sobretudo a situação atual de polícrises enredadas e indissociáveis, então a crise planetária de uma humanidade ainda incapaz de se realizar enquanto humanidade pode ser chamada de agonia, ou seja, um estado trágico e incerto em que os sintomas de morte e de nascimento lutam e se confundem. Um passado morto não morre, um futuro nascente não consegue nascer. (Morin & Kern, Terra-Pátria, 97)

O que é certo sobre a agonia é que ela, embora sendo o espaço da manifestação da dor e da crise, é também a possibilidade de gestação de uma nova vida e de uma nova realidade. O parto de uma Nova Terra é um fenômeno *agônico* (do grego: angustia, sofrimento extremo) porque envolve luta e conflito. Porque envolve a compreensão de que todos nos pertencemos uns aos outros. De que todos tivemos o mesmo princípio e teremos o mesmo fim. De que a mesma matéria da qual somos feito estava no princípio de tudo e permanecerá depois de nosso desaparecimento. Nós que somos apenas poeira de estrelas! Este conhecimento é agônico porque ele une o que sempre foi separado, ele junta o que sempre foi visto como oposto, ele reúne o que desde sempre foi compreendido como distinto. Este conhecimento é agônico porque gera, com dores de parto, uma nova humanidade onde todos somos vistos como membros de uma mesma família. Para que este novo mundo nasça é preciso um novo aprendizado, uma nova consciência e uma nova mentalidade. Conforme disse Aimone,



A tomada de consciência das nossas raízes terrestres, do nosso destino planetário e sobretudo da atual agonia da Terra deve gerar uma transformação global, finalizada, por um lado, à sobrevivência da humanidade e, por outro lado, à continuidade daquele processo de humanização, que consiste no pleno desenvolvimento das nossas potencialidades psíquicas, espirituais, éticas e sociais. (Mancini e outros, *Éticas da Mundialidade*, 148)

Conscientizar a todos de nossa raiz e de nosso pertencimento ao outro e a esta Terra é uma ação que deve ser realizada na busca de uma dupla finalidade: em primeiro lugar uma finalidade **conservadora** e depois uma finalidade **revolucionária**. Esta ação é identificada com uma ação conservadora porque procura defender a vida humana e preservar as diversas culturas e o sistema no meio do qual vivemos. É conservadora porque procura manter o frágil equilíbrio que ainda nos dá um certo conforto. É revolucionária, porém, porque visa construir uma sociedade-comunidade de indivíduos, de etnias e de nações que seja capaz de se compreender como parte integrante de um todo que ainda está em construção e que precisa da cooperação de cada um. Não podemos viver solipsisticamente até porque, como nos lembra magistralmente Martin Buber, não existiríamos nem teríamos consciência de nós mesmos não fosse o outro.

Quando se fala da necessidade de se enxergar como membro de uma família cósmica, mais uma vez nos lembramos de Francisco de Assis e da doçura de seus discursos. Lembramos que devemos ver no outro, nos pássaros e nas plantas, na água e na Terra, um irmão e uma irmã a quem podemos e devemos servir.

Como membros da mesma família moramos em uma casa que nos é comum (oikoumene) e em função disso e por causa disso, precisamos aprender a desenvolver uma visão que nos tire a nós mesmos do centro (egocentrismo) e em nosso lugar coloque a casa: ecocentrismo. Somente a partir destas imbricações e que, diz-nos Boff,

Nos damos conta de que tudo depende da salvaguarda da Terra e da manutenção das condições de sua vida e reprodução. Nenhum outro projeto tem sentido, pois lhe falta a precondição fundamental, exatamente a sobrevivência da Terra e dos filhos e filhas da Terra. A consciência desta nova percepção está ainda longe de ser coletivamente partilhada. (Boff, *Ethos Mundial*, p. 21)



É justamente a consciência desta nova percepção que deve ser compartilhada e anunciada como uma *Boa Notícia* para a humanidade.

Quando demarcamos, em conjunto, um novo caminho.

Um *Diálogo religioso* só será um diálogo para a vida quando, em último lugar, formos capazes de demarcarmos, em conjunto, um novo caminho a ser trilhado por toda a humanidade.

Os caminhos que foram trilhados pela modernidade foram caminhos da disjunção e da separação. Nestes caminhos a vida é primeiramente dividida para depois ser estudada. A realidade que nos cerca se torna, desta forma, objeto de estudo nas mãos de especialistas. No projeto iluminista era preciso esquartejar o corpo para depois se deter sobre cada uma de suas partes a fim de se conhecer seus segredos. No projeto iluminista era preciso produzir saberes especializados, conhecimentos específicos, visões cada vez mais profundas sobre realidades cada vez mais cindidas, divididas e menores.

O novo caminho proposto por Morin é o da complexidade. É o caminho da união e da religação dos saberes. É o caminho que compreende que toda nossa sabedoria será sempre parcial, limitada e limitante. Este é o caminho da conjunção. É o caminho daqueles que compreendem que é preciso tecer uma nova teia onde cada fio é importante. Uma ova teia complexa, não por ser de difícil entendimento, mas porque envolve saberes da Academia e da Tradição, religa o que a modernidade separou e congrega o que o iluminismo desagregou.

Esta religação, contudo, não opera apenas na dimensão conceitual e cognitiva. Ela se traduz em gestos concretos de abraço e recepção do diferente. O outro é convidado a vir a se unir a nós para que juntos caminhemos e construamos o caminho ao caminhar. O outro é a possibilidade de nos enriquecermos com experiências e vivências que não são as nossas, mas é também a possibilidade de compartilharmos e transmitirmos também as nossas experiências e percepções para o seu próprio enriquecimento. Se isto ocorre então estamos em condições de "acolher a riqueza do real, a natureza dialógica da relação entre o homem e o mundo, o pluralismo das interpretações como expressão de maturidade e não como uma anomalia da cultura". (Mancini e outros, *Éticas da Mundialidade*, 151)

O pensamento complexo, portanto, produz uma *práxis* complexa. Para Edgar Morin é preciso amadurecer uma consciência moral que esteja diretamente ligada e que seja fruto da revolução do pensamento da complexidade. Para ele, a visão trazida pelo pensamento complexo deve inexoravelmente nos fazer aproximar de uma nova concepção da moral definida por ele como *normas antropológicas-éticas*. Estas normas, segundo Morin, visam orientar a *práxis* e o modo de vida de cada um de conformidade com os valores essenciais para a vida humana. E estes valores



essenciais são: compreensão, solidariedade e compaixão. Estes são os valores que devem dirigir as ações pessoais e estruturais de nossa sociedade.

Mas porque justamente estes valores? Porque para ele, em primeiro lugar, estes valores reconhecem a existência de uma interdependência. Sem que reconheçamos nossa subsidiaridade, não pode haver compreensão, solidariedade ou compaixão. Em segundo lugar, porque estes valores abrem-se para a comunicação. Não são valores que dizem tudo em si mesmo. Eles estão abrindo um canal para fora. Finalmente, porque estes valores se empenham na co-responsabilidade. Somente quando somos compreensivos, solidários e compassivos é que pode haver interdependência, comunicação e co-responsabilidade.

A palavra que pode resumir esta postura é fraternidade. Somos todos membros de uma mesma família; todos viemos de uma mesma origem; todos descendemos do *homo sapiens* que habitou a África há milhões de anos; todos temos a mesma constituição genética; vivemos todos em uma mesma casa e todos teremos o mesmo destino. Viveremos juntos ou morreremos separados.

Esta forma complexa de ver o mundo é uma força capaz de transformar a *práxis* política-social-econômica colocando-a a favor da humanização. É neste sentido que o Diálogo Religioso se reveste de uma importância sem par. Segundo Hans Kung, não haverá paz entre os povos sem paz entre as religiões.; e não haverá paz entre as religiões sem diálogo entre elas. Uma vez estabelecido este diálogo pode-se criar a paz religiosa, base para a paz política. Mas devemos lembrar que, como diz Boff, "a paz política só é assegurada por um *ethos* de referência comum, fundado nas tradições religiosas da humanidade". (Boff, *Ethos Mundial*, p. 60) Este *ethos* é o mínimo necessário, o consenso básico fundamental, a atitude básica afirmada por todos para que se garanta a sobrevivência comum.